

**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA  
AFRO-BRASILEIRA  
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS BACHARELADO  
EM HUMANIDADES**

**WANDERSON LUCAS SOUZA SILVA**

**Práticas de estigmatização em um bairro periférico de  
Fortaleza**

**REDENÇÃO – CE**

**2018**

**WANDERSON LUCAS SOUZA SILVA**

# **Práticas de estigmatização em um bairro periférico de Fortaleza**

**Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.**

**Orientador: Prof. Dr. Igor Monteiro Silva**

## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>4</b>
<b>1.1 A rua proibida .....</b>	<b>4</b>
<b>1.2 Os “estabelecidos” e os “outsiders” do Planalto Pici .....</b>	<b>5</b>
<b>2. Justificativa .....</b>	<b>7</b>
<b>3. Problema da pesquisa .....</b>	<b>9</b>
<b>3.1 Objetivo Geral .....</b>	<b>9</b>
<b>3.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>9</b>
<b>4. Referencial teórico.....</b>	<b>10</b>
<b>5. Metodologia .....</b>	<b>15</b>
<b>5.1 Tipos de método .....</b>	<b>15</b>
<b>5.2 Técnicas utilizadas .....</b>	<b>15</b>
<b>5.3 Local da pesquisa .....</b>	<b>16</b>
<b>5.4 Descrição dos participantes .....</b>	<b>16</b>
<b>5.5 Procedimentos Utilizados .....</b>	<b>17</b>
<b>5.6 Considerações éticas .....</b>	<b>18</b>
<b>6. Considerações finais .....</b>	<b>19</b>
<b>7. Referências Bibliográficas .....</b>	<b>20</b>

## 1. Introdução

### 1.1 A rua proibida

Mais uma vez na escolha de um atalho, para facilitar o acesso a determinados pontos do bairro Planalto Pici, a *Rua dos Monarcas*<sup>1</sup> se apresenta como a menos indicada nas sugestões dos parentes e vizinhos da minha rua. Isso porque lá se encontra a *temida Favela da Fumaça*, espaço identificado a tudo que não é “correto” no imaginário social daqueles que moram no Planalto Pici. Os moradores da *Fumaça* encontram-se imersos num processo de estigmatização que associa o território ocupado pelo o indivíduo a um estereótipo de “marginal”.

Na intenção de retomar algumas lembranças da infância e rever antigos amigos de minha época da escola, a caminhada pela *a Rua dos Monarcas*, me ligou a ações ilícitas, no caso a compra de drogas, noticia que em poucas horas já estava sendo espalhada, como papeis de supermercados pelos vizinhos da minha rua. Diante desse caso, cabe o questionamento de como um território pode ser o determinante da classificação social de um indivíduo e demarcar onde “existe” criminalidade e onde ela “não existe” no Planalto Pici. A partir dessas divisões, que se dá em pequenos espaços, se estabelece relações de poder, que resultam numa marginalização de determinados pontos, construindo um imaginário social que associa a “favelização do bairro” a indivíduos praticantes de delitos. Esta pesquisa busca compreender as práticas de estigmatização acionadas no cotidiano do Planalto Pici em relação aos moradores da *Favela da Fumaça*.

Como todo bairro na cidade de Fortaleza, o Planalto Pici tem sua história e relações sociais próprias. Ele é considerado pela administração municipal como um bairro localizado na Regional III, com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e formado a partir de movimentos irregulares de ocupação do solo<sup>2</sup>. A formação do bairro ocorre a partir de diversos pedaços de terras ocupados a partir dos anos 1990. Nesse

---

<sup>1</sup> Rua que resguarda também elementos históricos, um Paiol da 2º Guerra mundial. O território onde se localiza o bairro hoje, servia de base para as forças militares Norte Americanas. Disponível em:< <http://www.fortalezanobre.com.br/2010/09/pici-e-ii-guerra-mundial.html>>

<sup>2</sup> O Bairro compõe a Regional III, com mais 15 bairros, na divisão sócio espacial de Fortaleza. O Planalto Pici, segundo o Estudo do desenvolvimento humano por bairro em Fortaleza(2014), possui um indicador no IDH de 0,22 ocupando o 100º no ranking. Segundo o censo(IBGE,2010) o Bairro planalto Pici, tem uma população de 42.494 pessoas. O bairro teve sua legalidade no início da década de 90.

processo de ocupação encontram-se comunidades, aquelas que já existiam no local e as resultantes das massivas ocupações. Uma dessas comunidades é o *locus* do estudo: a *Favela da Fumaça*<sup>3</sup>.

A associação de pessoas, espaço e práticas de delitos resulta na construção social da pessoa estigmatizada dentro de uma porção do próprio bairro. Enquanto morador do Planalto Pici a mais de quinze anos e também como ex-morador da *Favela da Fumaça*, conheci e vivenciei situações referentes a estigmatização, sendo assim, buscarei construir a pesquisa a partir de técnicas de investigação como a observação participante e a entrevista na intenção de compreender as práticas de estigmatização a partir da vida social no bairro, na favela e nas narrativas dos próprios moradores.

## **1.2 Os “estabelecidos” e os “outsiders” do Planalto Pici**

Compreender a segregação urbana (BAUMAN, 1998) é um desafio para diversos ramos das ciências humanas que se debruçam na compreensão do desenvolvimento da sociedade moderna-capitalista. Como afirma Bauman, “a segregação urbana das cidades contemporâneas reflete a incapacidade de os Estados Nações realizarem um ideal da modernidade, qual seja a efetivação de um estado de bem estar social para todos” (BAUMAN, 1998 *apud* PAIVA, 2007). No senso comum é recorrente pensar as diferenças existentes entre as “áreas nobres” e as “áreas periféricas” de uma cidade, no entanto, diferenças e segmentações sociais podem se expressar no interior de um mesmo bairro. No Planalto Pici apresenta-se uma situação que guarda alguma semelhança com o que Nibert Elias e John Scotson (2000) apresentaram no livro *Os estabelecidos e os outsiders*, acerca dos diferentes status que podem existir no interior de um mesmo bairro da “classe trabalhadora”.

Os debates sobre os processos de segregação sócio espacial são perpassados por diversos conceitos, que discutem as fronteiras materiais e simbólicas que constituem essa dinâmica. Os processos de exclusão de territórios e indivíduos marcam os estudos da sociologia, é por me entender enquanto um sujeito imerso nessa realidade que o trabalho se desenvolve na intenção de apontar e debater os processos de estigmatização no Planalto Pici. Existe uma ligação da imagem da Favela da Fumaça com a criminalidade no

---

<sup>3</sup> O território da favela da fumaça é ocupado em 1962, quase 30 anos antes da ocupação completa do território do Planalto Pici. O nome é dado devido a história que um desses ocupantes fazia fogo a noite, e assim passa ser identificado por um delegado como favela da fumaça (SAMPAIO, 2007).

imaginário social dos moradores do bairro. A utilização dessa imagem se abastece de símbolos para a produção de “estigmas” (GOFFMAN, 2004) e a construção local de um “sistema de classificação social” (DURKHEIM, 2000). Esses mecanismos são acionados para a constituição de fronteiras, que se materializa na “segregação sócio espacial” (SEGAUD, 2016). É interessante demarcar que a produção do estigma territorial é perpassada por diversos elementos, mas no desenvolvimento da pesquisa nos focaremos naqueles que foram citados acima.

## **2. Justificativa**

Existe nas ciências sociais uma guinada que provoca a construção do saber a partir dos próprios sujeitos envolvidos nos conflitos e relações sociais. Cada pesquisa desenvolvida por indivíduos “subalternos” (SPIVAK, 2010) que coloca em questão sua própria realidade, é uma marretada no muro da ciência elitista. Entendemos a importância do protagonismo dos sujeitos na escrita da sua história, pois “cada ator social é também um teórico social, no sentido de que interpreta a sua própria conduta e a situação social em que se insere para poder agir” (ALONSO, 2016, p. 9). A segregação sócio-espacial marca a realidade de milhares de indivíduos nas periferias e centros das cidades modernas, um processo desencadeado de hostilidade à pobreza. Enquanto sujeito marcado por uma parcela da minha vida com um alvo, que me criminaliza por conta do território que ocupei, entendo que é de extrema importância a problematização da construção desses estigmas, que constituem um processo de estigmas territoriais (WACQUANT, 2006).

A Favela da Fumaça é reflexo de mais um local no tabuleiro desse jogo de exclusão, que representa a brutalidade do sistema vigente para com os oprimidos. A Favela da Fumaça me construiu enquanto sujeito político, e por entender que apenas a intervenção coletiva pode alterar uma realidade marcada por injustiça, esse trabalho se desenvolve na intenção de intervir e levar esse para os debates da *Sociologia urbana*.

Um mergulho nesse conflito, uma caminhada pela a *Rua dos Monarcas*, uma abordagem policial sofrida apenas por estar andando na parte “proibida” do bairro, desperta a necessidade de intervir e produzir sobre essa dinâmica, onde uma parcela vivencia diariamente uma “desvantagem social”, cercado por rivais, que vão desde vizinhos do bairro, que na maioria dos casos compartilham de condições econômicas parecidas, até o poder público, que nos atacam historicamente com sua ausência e com a repressão do aparato policial e militar.

O estudo sobre os estigmas territoriais apresenta diversas dinâmicas em que populações são marcadas e criminalizadas junto com seus territórios. De forma que “é no contexto das grandes cidades brasileiras [que] algumas periferias se tornaram símbolos da violência existente em determinada cidade” (PAIVA, 2007, p. 12). As relações de construção de fronteiras, que estabelecem centros e periferias, delimitadas territorialmente e simbolicamente, é problematizado em diversos estudos no campo da sociologia e outros ramos das ciências humanas.

Os conflitos em torno da produção de estigma no Planalto Pici, coloca em foco uma realidade em que a parcela de um bairro periférico é entendido enquanto o lugar da marginalidade, construindo fronteiras e margens. A *Favela da Fumaça* como alvo da construção do indesejado, reflete uma contradição, que se coloca além das causas econômicas-culturais-sociais, um mesmo bairro opera diferenciações internas que se materializam na “demonização” de algumas ruas. Nesse sentido, surge a necessidade do desenvolvimento da pesquisa, que coloca o enfoque na segregação de indivíduos em um espaço e como esses sujeitos são marcados por estigmas.

- 3. Problema da pesquisa:** Como em um bairro periférico se expressam diferentes status entre seus moradores a partir da distribuição espacial das pessoas

**3.1 Objetivo Geral:** Compreender as práticas de estigmatização no bairro Planalto Pici em relação as pessoas da *Favela da Fumaça*

**3.2 Objetivos específicos:** descrever as relações sociais entre o *bairro* e a *favela*; apresentar as formas de classificação de pessoas e lugares; Identificar as fronteiras simbólicas entre os espaços e as pessoas

#### **4. Referencial teórico**

A pesquisa se desenvolve na perspectiva de contribuir nos debates da sociologia urbana, propondo a análise dos processos de segregação sócio-espacial no bairro Planalto Pici, um bairro periférico que estabelece fronteiras territoriais e simbólicas na dinâmica social do próprio bairro. O processo materializa-se com o distanciamento dos moradores do bairro de uma parte específica do território, a *Favela da Fumaça*. Partindo dessa dinâmica, procuramos entender que elementos caracterizam esse distanciamento e produzem um sistema de classificações a partir de estigmas. Nesse sentido, será debatido no desenvolvimento do trabalho, alguns conceitos que dão base para compreender como acontecem essas relações na prática. Serão utilizados os conceitos de *segregação sócioespacial*, *classificação social e estigma*, entendendo a realidade complexa que o estudo se propõe a debater.

A problemática da segregação sócio-espacial tratada na pesquisa se apresenta em um contexto sócio-histórico, sendo sujeito e produto da estrutura vigente. Dessa forma, é necessário entender em que modelo político-social organizativo se moldam esses conflitos. A construção das fronteiras e da imagem dos indivíduos indesejados se concretiza nas cidades das sociedades moderna, que se caracterizam “pela construção de *estigmas territoriais* sedimentados na distinção do espaço da cidade e na discriminação residencial dos lugares de moradia dos segmentos sociais que ocupam uma posição desprivilegiada no cenário cultural e social da cidade” (PAIVA, 2007, P.9). Dessa forma, a cidade é o espaço em que os processos de distinção sócio-espacial se intensificam, se efetivando territorialmente e simbolicamente.

A segregação sócio-espacial pode ser entendida a partir da imposição de limites territoriais e simbólicos. É no processo de delimitar que se “institui uma ruptura naquilo que é contínuo, criando uma fronteira, uma borda, uma orla, ou seja, uma separação entre duas zonas” (SEGAUD, 2016, p. 165). É nesse contexto de implementação de divisas materiais e simbólicas, que acionam dispositivos de diferenciação moral entre o “eu” e o “outro”, caso que se reflete nas relações entre os moradores do Planalto, em que os habitantes da *Fumaça* são conhecidos como os *come rato*<sup>4</sup>. Sendo assim, existe uma complementaridade entre a materialidade do território e subjetividade das pessoas, pois

---

<sup>4</sup> O termo tem origem a partir de uma família antiga do local, ganhando um caráter de marcador social em que classifica os moradores da Fumaça. Além de ser um termo depreciativo, pois liga o indivíduo a imagem de sujeira, a intenção de sinalizar o morador como *come rato*, sugere também uma conduta de criminalidade, pois a família se torna uma lenda por alguns de seus membros ter cometido delitos.

“os processos de segregação estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram” (PARK, 1967, p. 61)

Na construção da segregação sócio espacial diversos mecanismos são acionados para garantir a exclusão dos indesejados, no contexto do Planalto Pici a classificação de *os come rato* é um desses mecanismos. Nesse sentido, focaremos em dois mecanismos, *os sistemas de classificação social e os estigmas* que dele derivam, entendendo que essas classificações são modos de “ligar” território e indivíduo, produzindo um tipo de pessoa, o *come rato*, associado a status negativos como o “marginal” e o de “criminoso”.

Os primeiros estudos sobre os sistemas de classificação social na sociologia têm início com Émile Durkheim na obra *Algumas formas primitivas de classificação*, entendendo que a “sociedade não foi simplesmente um modelo de acordo com o qual o pensamento classificatório teria trabalhado; foram os próprios quadros da sociedade que serviam de quadros ao sistema” (DURKEIM, 2000, p. 198). Sendo assim, percebe-se que a classificação é produto das relações em sociedade e que “a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas” (GOFFMAN, 2004, p. 05). Nosso olhar se voltará para analisar como esses sistemas são utilizados para a construção de fronteiras simbólicas e territoriais, ou seja, que perpassa indivíduos e lugares.

A nossa análise focará em perceber como se estabelece o sistema de classificação do território e como esse perpassa para os indivíduos que o ocupam e *vice versa*, entendendo que o sistema de classificação que analisamos é gerador de estigmas. Sendo assim, para Wacquant (2005) a segregação sócio-espacial nas cidades da sociedade moderna é “representada por formas de classificação desprivilegiadoras dos lugares da cidade considerados como de menor valor no contexto dos capitais simbólicos em jogo: o *gueto* nos Estados Unidos, *poblacione* no Chile, *villa miséria* na Argentina, *cantegril* no Uruguai, *racho* na Venezuela, *banlieue* na França e *favela* no Brasil”.

É necessário entender que a segregação social na estrutura vigente pode ser compreendido também como um modo de criminalização da pobreza. Paiva comenta “que parte do problema consistia na criminalização dos pobres, com foco em políticas de repressão e deslocamento das classes populares para zonas distantes dos centros urbanos” (2007, p. 11). E é a partir desse regime de exclusão territorial dos subalternos que se constrói a Favela da Fumaça. Para SÁ (2013) “As categorizações da cidade para nomear a favela como favela, enquanto lugar não desejável para o habitante da cidade, como os

sentimentos negativos de medo, raiva e desprezo alimentados contra os moradores da favela” (p. 127). Partindo dessa concepção, nosso olhar partirá pra a esfera das relações internas do Planalto Pici e procurará entender como operam classificações e estigmas a partir da segmentação *Fumaça* x Planalto Pici.

A ideia da caracterização dos moradores da *Favela da fumaça* enquanto *os come ratos*, enuncia uma diferenciação entre “nós”, os moradores do Planato Pici x “eles”, *os come ratos*, habitantes da *Fumaça*. Esse ato de definir um estereótipo social para o indivíduo que o coloca na base de uma escala moral na dinâmica do bairro, coloca em questão a construção de múltipla fronteiras, onde a *Favela da Fumaça* é classificada como o espaço da violência e as pessoas que vem de lá são os indivíduos que praticam a violência, dessa forma, a relação no imaginário social do bairro se equaciona da seguinte maneira: A Rua do Monarcas corta o bairro Planalto Pici, lá se localiza a *Favela da Fumaça*, sendo assim, a *Fumaça* é o local da violência, do consumo de drogas e da pobreza, quando ocorre alguma prática delituosa fora da *favela*, os responsáveis por isso são os *favelados*.

Essa processo se constrói de forma que o indivíduo é marcado pelo território e o território é marcado pelo indivíduo. Uma questão importante a se destacar nessa dinâmica no Planalto Pici é que o estigma que o sujeito carrega é fluido, no sentido que quando o morador se muda e isso se torna público no bairro, ele também muda na escala moral, ou seja deixa de ser identificado enquanto *come rato*. Esse processo vai ser entendido por Park (1967) como característica da cidade moderna, que “possibilita ao indivíduo passar rápida e facilmente de um meio moral a outro”. Essa relação marcou a minha infância dos 8 aos 11 anos, enquanto tive que se relacionar com bairro, carregando o estigma. Isso ocorre pois “os pobres urbanos vivem duplamente excluídos, por serem “outros” e por serem “incultos” e “perigosos”, vivendo, segundo o olhar etnocêntrico e homogeneizador dos “cidadãos de bem”, “o avesso da civilização” (PAIVA, 2007, p.11 apud ZALUAR, 1985)

Na nossa análise focaremos em dois mecanismos que são acionados na construção de fronteiras territoriais e simbólicas, a classificação social e o estigma. Nesse sentido, “o termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo” (GOFFMAN, 2004). A exclusão social dos indivíduos subalternos é permeada por diversos elementos de diferenciação, em que tem por função a elevação do “Eu” e o rebaixamento do “Outro”. E esse processo é demarcatório, o termo *come rato*

no contexto do Planalto Pici anuncia a presença de um potencial criminoso, marginal, na mais depreciativa interpretação da palavra.

O conceito de estigma nos ajudará a entender como funciona o processo que coloca os moradores da *Favela da Fumaça* como indivíduos indesejados, criminosos e imorais. O desenvolvimento desse conceito será dialogado com vivências e histórias conhecidas por quem mora no bairro e de alguns relatos meus de quando era conhecido enquanto um *come rato*. A estigmatização do território e das pessoas pode ser visto como dois processos diferentes que se complementam, nesse sentido, a abordagem procura entender como a estigmatização da *Fumaça* produz a imagem de indivíduos estigmatizados e como indivíduos estigmatizados produzem um território também estigmatizado.

A *Rua dos Monarcas* marca a fronteira territorial e simbólica onde se encontra a “criminalidade” do bairro no imaginário dos moradores do Planalto Pici, é o espaço alvo dos estigmas. O Planalto Pici carrega a imagem de bairro periférico, e dentro do seu espaço se constrói outras periferias. O estigma pode ser marcado por diversos fatores, segundo Wacquant (2006, p. 28) Três grandes tipos de estigma são catalogados por Goffman, as “disformidades do corpo”, os “defeitos de carácter” e as marcas de “raça, nação e religião” (1963, p. 4-5). É a partir do conceito de *estigmas territoriais* (Wacquant, 2006) que observaremos como se constitui os processos de estigma no Planalto Pici. O estigma é característica dos processos de segregação sócio espacial, portanto, a nossa abordagem girará em torno de como o estigma territorial está atrelado a imagem de criminalidade e violência na dinâmica do Planalto Pici. As motivações estruturais da estigmatização territorial perpassa formas materiais e simbólicas, que constitui uma relação com os indivíduos que o ocupam, pois “o bairro estigmatizado degrada simbolicamente os que o habitam e que, por sua vez, o degradam simbolicamente, sendo que, privados dos trunfos necessários para participar nos vários jogos sociais, apenas partilham a sua comum excomunhão.” (Wacquant, 2006, p.29. *Apud* Bourdieu,1993, p.261).

O processo de estigmatizar é um processo de diferenciação, de exclusão. *Favela da Fumaça* reflete a brutalidade da estrutura vigente. Na nossa análise será possível perceber que o indivíduo é marcado pelo o estigma do território e é entendido como

“signos que demarcam modos preestabelecidos de distinção sócio-espacial dos moradores urbanos” (PAIVA, 2007, p.74). A rotina do morador da Fumaça é rodeada de conflitualidades que apontam a dinâmica desse processo. As ações de exclusão social são

marcadas pela constante acusação de estar à margem da lei e da ordem, fator marcante disso é a constante violência policial no local e a ausência do poder público na construção de uma infraestrutura mínima e na falta de políticas públicas, característica sentidas no desenvolvimento dos estigmas territoriais (WACQUANT, 2006).

As características principais na dinâmica observada é a constante associação dos moradores da comunidade com o crime. Durante o tempo em que morei na *Favela da Fumaça*, cerca de quatro vezes a polícia entrou em todas as casas da vizinhança sem mandato, na busca de ilegalidades, essa presença constante ostensiva da polícia contribui para a construção de um imaginário do bairro como local da desordem. Fato comum é quando acontecia algum assalto no bairro, logo a polícia se dirigia para a comunidade e passava dias fazendo buscas em que colocavam os moradores em situações de violência. Sendo assim, a produção da segregação no bairro Planalto Pici se orchestra também com base em dois pilares: a ausência do Estado e a repressão de seus aparatos.

Nesse sentido, é possível entender que existe uma falha estrutural que provoca a pobreza e a demoniza, refletindo numa exclusão territorial e simbólica, que produz um sistema de classificação social, em que nós, os *come ratos*, os subalternos, ocupamos a base. Esse sistema é sustentado por fronteiras simbólicas e materiais, que produz estigmas, no caso da Fumaça, que liga os indivíduos a criminalidade, a violência e estabelece uma relação de conflitualidades diariamente.

## **5. Metodologia**

### **5.1 Tipos de método**

Utilizando o recurso do estudo de caso e da discussão bibliográfica, a pesquisa se desenvolve a partir da abordagem qualitativa. Entendendo a realidade complexa que nos propomos a observar, o estudo de caso nos permite “um mergulho profundo e exaustivo em um objeto delimitado, o estudo de caso possibilita a penetração na realidade social, não conseguida pela análise estatística” (GOLDENBERG, 2004, p.34). Os processos de conflitos abordados na pesquisa são o reflexo de uma dinâmica macro, a discussão bibliográfica orienta nosso olhar para o que, segundo Geertz (1997), é um bordejar dialético contínuo, entre o menor detalhe nos locais menores e a mais global das estruturas globais, de tal forma que ambos possam ser observados simultaneamente.

A relação de conflito entre os moradores do Planalto Pici, é perpassada por fatores simbólicos e materiais que apenas os relatos dos sujeitos imersos no processo são capazes de dar conta do debate dessa dinâmica. Nesse sentido, o método qualitativo nos proporciona uma melhor análise das situações e construções de estigmas no local, pois: “Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.” (GOLDENBERG, 2004, p.14).

### **5.2 Técnicas utilizadas**

As técnicas utilizadas na pesquisa, dando base ao estudo de caso, serão: observação participante (ALONSO, 2016), entrevistas (DUARTE, 2004) e a revisão bibliográfica. O processo de compreensão da realidade analisada se torna possível com a participação na realidade dos sujeitos, nesse sentido: “A observação participante se vale do acompanhamento sistemático de todas as atividades do grupo estudado. O pesquisador se insere no dia a dia do grupo, participa dele, como se fosse um membro.” (DUARTE, 2004, p. 10). Entendendo que também estou na posição de sujeito, pois moro no local. A proximidade da compreensão de um conflito social só é possível quando a construção está atrelada com a visão dos sujeitos que vivem a realidade observada. Utilizaremos a entrevista como ferramenta, assim como os relatos da minha vivência como morador do bairro. A técnica utilizada vai nos ajudar a mergulhar nas contradições e conflitualidades vivenciadas no Planalto Pici, pois: “Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos

sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados.” (DUARTE, 2004, p.215).

### **5.3 Local da pesquisa**

O Planalto Pici foi reconhecido como bairro no início da década de 90, passando a compor a Regional III, com mais 15 bairros, na divisão sócio-espacial de Fortaleza. A nossa pesquisa tem como foco a relação do bairro com uma localidade interna, a Favela da Fumaça. O território da favela da fumaça é ocupado em 1962, quase 30 anos antes da ocupação completa do território do Planalto Pici. O nome é dado em decorrência ao hábito de um desses ocupantes de fazer fogo a noite, e assim passa ser identificado por um delegado como favela da fumaça. (Sampaio, 2007)

Segundo o Estudo do desenvolvimento humano de Fortaleza (2014), o bairro possui um indicador no IDH de 0,22, ocupando o 100º no ranking. Segundo o censo (IBGE, 2010) o Bairro Planalto Pici, tem uma população de 42.494 pessoas. Nesse sentido, a pesquisa tem como locus e objeto as práticas de estigmas dentro de uma periferia na capital do Ceará.

### **5.4 Descrição dos participantes**

Seguindo o padrão dos indesejados pela as elites brasileiras, a Favela da fumaça possui o resto do subalterno no país. Os jovens negros e periféricos são os principais alvos dos estigmas e a da violência física exercido pelos aparatos repressivos do Estado. Enquanto ex-morador da comunidade, identifiquei dois grupos principais para interlocução nessa realidade conflituosa: os mais velhos, os primeiros que ocuparam o território, trazem em seus passos uma vida de resistência, de conflitos e dores. À eles foi imposto uma guerra, que travam até hoje com seus iguais contra o poder público, uma batalha diária onde a segregação e a violência policial são armas que lhes cortam a carne e, apesar disso, continuam lutando pelo direito à paz em sua terra.

Os mais velhos são base para os mais novos, a juventude periférica, que tomam o lugar na linha de frente, exposto a um país onde a desigualdade social e o preconceito racial é vivenciado por milhões de indivíduos diariamente. O estigma territorial é adicionado a eles como mais uma carga. A minha observação focará nesses dois grupos geracionais, os jovens e os mais velhos (aqueles que residem no bairro a muito tempo).

Vivenciarei junto a eles as dificuldades resultadas da segregação sócio-espacial, com a coleta de dados e entrevistas.

### 5.5 Procedimentos Utilizados

O modo de observação que irá ser utilizado enquanto ferramenta para a construção da pesquisa é o método *Insider*. Entendendo a realidade complexa que o trabalho propõe a observar, a modalidade *Insider* se aplica melhor, de forma que a inserção no campo já existe, por ser morador do bairro. Nesse sentido, a abordagem se constrói de modo que a “A modalidade *Insider* acresce a baixa interferência do pesquisador: supondo-o um membro nativo, os estudados não alteram seu comportamento habitual diante dele e compartilham com ele informações vedadas a estranhos” (ALONSO, 2016, p.12).

A construção da pesquisa interligará observação e entrevistas. O contato com os sujeitos se dá na forma de entrevistas semiestruturadas, compreendendo a inserção que já tenho no local, o caráter das entrevistas “informais” e as questões que quero abordar. As entrevistas irão nos proporcionar maiores possibilidades de compreender os conflitos que geram estigmas territoriais, a partir dos diferentes sujeitos imersos na realidade estudada. Outro aspecto importante é que o reconhecimento do local e identificação dos possíveis sujeitos – característica das pesquisas abertas - se dá no meu cotidiano, portanto, a pesquisa semiestruturada nos orienta e permite uma fluidez nas entrevistas sem nos deixar perdidos, tendo em vista a realidade conflituosa do Planalto Pici.

#### Análises realizadas

A pesquisa se desenvolve com intenção de identificar os diferentes atores, sistemas de classificações e estigmas produzidos nas relações estudadas, obtendo uma complexidade de informações. O momento da análise das entrevistas é primordial para “dar sentido ao conteúdo do mosaico de categorias ou indexadores no interior dos quais estarão agrupadas as unidades de significação, tendo como referência os objetivos da pesquisa e o contexto em que os depoimentos foram colhidos.” (DUARTE, 2004, p.222). As diferentes falas dos sujeitos apontarão para possíveis caminhos e os objetivos da pesquisa será nosso guia. Nas entrevistas, as histórias orais dos indivíduos nos contam uma realidade invisibilizada, em um processo que perpassa documentos oficiais. Além da observação, nosso debate vai ser em torno das informações concedidas pelos sujeitos estigmatizados, técnica de pesquisa que “consiste em acessar informações por meio da reconstrução das experiências dos indivíduos, seja a partir de seus próprios relatos, seja por outros meios.” (ALONSO, 2016, p.12). Dessa forma, o desenvolvimento da pesquisa estabelece um diálogo entre observação e as informações dadas pelos sujeitos em entrevistas.

### **5.6 Considerações éticas**

A análise dos conflitos estudados, o debate acerca da produção e reprodução de estigmas e a associação dos moradores da *Favela da Fumaça*, coloca os sujeitos interlocutores em posição de risco, dessa forma usaremos nomes fictícios, em respeito a confiança dos participantes. Utilizaremos o termo de consentimento, para garantir o conhecimento sobre os usos das informações passadas. Pretendo na análise das entrevistas, manter contato e informar o desenvolvimento do trabalho para os entrevistados, propondo uma construção coletiva na medida do possível, entendendo que me encontro na posição de sujeito e que o debate desenvolvido no trabalho vai ser construído por diversos grupos que perpassam minha vida. Nos comprometemos em manter a identidade anônima para a segurança dos sujeitos entrevistados e o seu conhecimento acerca do que será colocado no trabalho.

### **6. Considerações finais**

A construção dessa pesquisa surge com a necessidade de destruir as diversas de fronteiras sociais construídas pelas elites que perpetuam a opressão dos sujeitos subalternos. Ocupar os espaços de produção do conhecimento torna-se urgente para aqueles que tem sua

história escrita pelas mãos dos dominadores, que condicionam nossas dores. A Favela da Fumaça, os *come rato*, me construíram enquanto sujeito político, compartilhando dores e me mostrando as formas de resistência cotidiana, acedendo em mim a chama da revolta, aquela que não se apaga pela chuva do conformismo.

O campo da sociologia coloca-se enquanto espaço de disputa, os debates, os discursos são ferramentas para as forças que entram em conflitos na sociedade. A discussão acerca dos estigmas territoriais leva para os debates a realidade complexa de diversos sujeitos, despertando a urgência da ocupação desses espaços pelos os indivíduos envolvidos nesses conflitos. Entender a ciência enquanto espaço político é um princípio da destruição de fronteiras e início para a construção de pontes com o caminho para a justiça social.

A pesquisa se desenvolve, de forma etnográfica, partindo de um sujeito que vivencia diariamente o conflito e carrega suas angústias, as lembranças de quem já partiu por conta da violência policial e as lutas. O estudo sobre os processos de injustiça construído em volta da Favela da Fumaça é desenvolvido na intenção de retribuir minimamente tudo o que a comunidade fez por mim, somando na luta diária na manutenção de direitos, enxergando um horizonte de uma vida melhor para todos aqueles que segue resistindo no território.

Pretendo ir além dos debates acadêmicos e contribuir para as formas de resistência diária dos subalternos que enfrentam os estigmas territoriais, entendendo que a realidade da Favela da Fumaça e seus sujeitos é reflexo de processos que demonstra a brutalidade e insuficiência da estrutura político-econômica vigente. A construção de novas relações sociais pautadas na igualdade desperta a necessidade da destruição das relações poder existentes, perpetuando a frase do velho revolucionário russo, Bakunin ““Depositamos nossa confiança no eterno espírito que destrói e aniquila apenas porque é a insondável e infinitamente criativa origem da vida. A paixão por destruir é também uma paixão criativa!”<sup>5</sup>

## 7. Referências Bibliográficas

ALONSO, Angela. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução. In: Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo. Sesc São Paulo/CEBRAP, 2016, p.823.

BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

---

<sup>5</sup> WOODCOCK, George. **História Das Idéias e movimentos Anarquistas**. Porto Alegre: L&pm Editores, 2002. 280 p. Tradução: Júlia Tettamanzy.

BOURDIEU, P. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, [s.l.], n. 115, p.139-154, mar. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-15742002000100005>.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

PAIVA, Luiz Fábio Silva. Contingências da violência em um território estigmatizado. 2007. 191f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pósgraduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2007.

SEGAUD, Marion. ANTROPOLOGIA DO ESPAÇO: Habitar, Fundar, Distribuir, Transformar. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016. 312 p. Tradução: Eric R.R Henault

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? 1. ed. Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

WACQUANT, Loïc. Os condenados da cidade: estudos sobre marginalidade avançada. Rio de Janeiro: Revan; FASE, 2ª ed., 2005.

WOODCOCK, George. História Das Idéias e movimentos Anarquistas. Porto Alegre: L&pm Editores, 2002. 280 p. Tradução: Júlia Tettamanzy.

NOBRE, Leila. [Pici e a II Guerra Mundial](http://www.fortalezanobre.com.br/2010/09/pici-e-ii-guerra-mundial.html). Disponível em:< <http://www.fortalezanobre.com.br/2010/09/pici-e-ii-guerra-mundial.html>> Acesso em Fevereiro de 2019

FORTALEZA, Prefeitura. Desenvolvimento humano por bairro. Disponível em:< <https://www.fortaleza.ce.gov.br/noticias/prefeitura-apresenta-estudo-sobredesenvolvimento-humano-por-bairro>> Acesso em Março de 2019 SAMPAIO, Leonardo. A História do Pici. Disponível em:< <http://www.bairroantoniobezerra.com.br/BAB/modules/soapbox/print.php?articleID=88>> Acesso em Dezembro de 2019

GOLDENBERG, Mirian. A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 8. ed. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 2004. P.107

WACQUANT, Loïc. A estigmatização territorial na idade da marginalidade avançada. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, p.27-39, 2006. Traduzido do original em francês por Regina Guimarães.

Clifford Geertz. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, Vozes, 1997, 366 pp.

SÁ, Leonardo Damasceno de. A favela é uma arma: considerações antropológicas sobre um campo de fuga. In: BARBOSA, Antônio Rafael; RENOLDI, Brígida; VERISSÍMO, Marcos (orgs). *(I)Legal: etnografias em uma fronteira difusa*. 1 ed. Niterói: Editora UFF, 2013. p.121-140.

DURKHEIM, Émile e Marcel MAUSS. 1990. [1903]. “Algumas formas primitivas de classificação”. Em *Ensaio de Sociologia*. São Paulo: Perspectiva. pp. 399-455.